

O ESSENCIAL SOBRE

Walt Whitman



O E S S E N C I A L S O B R E

# Walt Whitman

Mário Avelar



# Índice

- 7 **Prólogo**
- 11 Capítulo 1  
**Os primeiros anos**
- 27 Capítulo 2  
***Folhas de Erva, o início da viagem***
- 55 Capítulo 3  
**Os anos de guerra**
- 73 Capítulo 4  
**Reescrevendo o livro**
- 99 **Bibliografia**



# Prólogo

Aquando da celebração dos cem anos da edição de 1881 de *Folhas de Erva*, Jim Pearlman, Ed Folsom e Dan Champion, três estudiosos da obra de Walt Whitman, compilaram um conjunto significativo de poemas e ensaios que evidenciam a singularidade deste poeta, não só no âmbito da literatura norte-americana, mas também para além das suas fronteiras. A essa compilação deram o título de *Walt Whitman – A Medida do Seu Canto*.

No ensaio que abre esta obra, Ed Folsom enuncia aqueles que ele considera serem os traços mais relevantes dessa singularidade; de uma singularidade que fará dele um caso único a nível da literatura mundial. Quando, com este *Essencial sobre Walt Whitman*, pretendo sistematizar, para um público de língua portuguesa, a informação que me parece ser, isso mesmo, essencial para o seu conhecimento, revisito a síntese de Folsom, atribuindo-lhe, porém, a minha leitura, eventualmente idiossincrática.

Em primeiro lugar, destaco o facto de estarmos perante um poeta que vive num tempo em que era ainda recente a memória dos tempos em que a jovem nação havia sido fundada. Por isso mesmo, era sentido — exigido mesmo, até —, por parte dos círculos intelectuais, e por Ralph Waldo Emerson, em particular, alguém que cantasse a novidade daquele lugar; uma novidade que, não raro, tocava a dimensão mítica. Ora, Whitman responde a essa exigência, ao definir aquilo que a poesia, os seus tópicos e o poeta deveriam ser.

Em segundo lugar, decorrente do primeiro aspeto, ele inaugura uma tradição épica, em tudo distinta das epopeias que o precederam, e que participa da essência daquele lugar. Um dos traços dessa tradição será o facto de não se confinar à sua obra, já que ele exige que os que lhe sucederão prossigam um diálogo com ele, assim construindo novos capítulos da epopeia. E os poetas americanos responderam a essa exigência, a esse apelo. Recordo Folsom que o poeta inglês John Keats escrevia com o retrato de Shakespeare sobre a secretaria, no entanto, nunca dialogaria com ele na sua poesia. Talvez o único caso em que um poeta inglês dialoga diretamente com um antecessor seu, seja o de William Wordsworth ao convocar John Milton no poema «Londres, 1802». Ora, ao longo de décadas os poetas americanos sentiram-se constrangidos pelo perfil poético delineado por Whitman, tendo assim prosseguido a sua epopeia através das suas sensibilidades estéticas próprias.

Em terceiro lugar, Whitman olhou para o livro de uma forma em tudo diferente do que até então sucedera. Recorrendo à então emergente arte

fotográfica, concebeu um diálogo intenso entre a palavra e a imagem, associando-a ao crescimento do objeto, que, desde logo, se confundiu com o corpo.

Em quarto lugar... bom, creio que já indiciei algumas vertentes do génio deste homem que a posteridade associaria à imagem de um velho, de longas e fartas barbas brancas, carinhoso e afável. Convido-vos, por isso, à leitura deste pequeno livro, esperando que ele vos motive a ir ao encontro da sua obra, ou a olhá-la de uma forma quiçá diferente.

Um esclarecimento ainda. A biografia de Jerome Loving foi um apoio constante ao longo deste meu trabalho, embora a minha experiência de algumas décadas como professor de literatura norte-americana, e as muitas obras que li e que, porventura, esqueci, tenham marcado profundamente o olhar que adotei. Relativamente à poesia de Whitman, optei por recorrer à tradução, premiada, aliás, de Maria de Lourdes Guimarães. A tradução de todas as outras obras citadas é da minha responsabilidade.

E, para já, deixo-vos com este dístico do nosso poeta, apropriadamente intitulado «Tu leitor»:

*Tu, leitor, tanto como eu, vibras de vida e orgulho,  
Por isso são para ti os cânticos que se seguem.*

[Whitman, 26.]

MÁRIO AVELAR  
Lisboa, fevereiro de 2014



# Capítulo 1

## Os primeiros anos

«Que diria, caro leitor, se eu reclamasse uma relação muito, muito próxima com George Washington, Thomas Jefferson e Andrew Jackson?... Muitas vezes tive o imortal Washington às cavalitas... O tronco do sagaz Jefferson foi rodeado por um dos meus braços enquanto os dedos do outro lhe indicavam letras para soletrar. E embora Jackson seja (estranho paradoxo!) consideravelmente mais velho do que os outros dois, muitas foram as corridas e as cambalhotas que demos os dois.» (Loving, 87.)

Os nomes dos irmãos de Walt evocam, afinal, heróis de um tempo ainda próximo e, todavia, já mítico, o da fundação da jovem nação. Toda essa dimensão mítica, com o que ela implica a nível da origem, do começo, percorrerá, a vida e a obra do nosso poeta. Com efeito, quando preparou a sua narrativa de memórias, *Dias Exemplares*, Whitman intitulou uma das secções iniciais «Paumanok, e a minha vida aí em criança e na juventude». O título

revela a relação simbólica entre as impressões iniciais da juventude e as poéticas da maturidade, a qual é evidente naquele que um dia seria dos seus poemas mais conhecidos, «Saído de um berço, sempre embalado». Escreveu então:

*Eu, aquele que canta as dores e as alegrias, que  
[une o presente e o futuro,  
Aceitando todas as sugestões para se servir delas,  
[mas dando um rápido salto para além delas,  
Canto uma recordação.*

*Outrora em Paumanok,  
Quando o perfume do lilás pairava no ar, e a erva  
[de Maio crescia,  
Ao longo desta praia, nas roseiras bravas...*

[Whitman, 237-238.]

Também em *Dias Exemplares* é explícita a sua filiação radical naquele espaço:

«Aqui e em toda a ilha e nas suas margens, passei períodos de tempo ao longo dos anos, todas as estações, por vezes andando a cavalo, por vezes navegando, mas geralmente a pé,... absorvendo os campos, as margens, episódios marinhos, personagens, homens da baía, agricultores, timoneiros — sempre tive uma relação plena com estes últimos e com pescadores — todos os verões saía à pesca com eles — sempre gostei da praia despojada junto ao mar, e aí passei algumas das minhas horas mais felizes.»

Devemos, aliás, ao próprio poeta a explicitação da relevância desses espaços na sua obra poética. Cito, de novo, *Dias Exemplares*: «As margens desta baía, no Inverno e no Verão, e os meus tempos aí passados na juventude, são tecidos ao longo de F. de E.» (*Whitman — Poetry and Prose*, 697). Aí começava a delinear-se a identidade do criador, como ele próprio evidencia nestas suas reminiscências:

«Ainda jovem, tive a fantasia, o desejo, de escrever algo, talvez um poema, sobre a costa — essa divisória, essa linha sugestiva, contacto, junção, onde o sólido desposa o líquido — essa coisa curiosa, essa emboscada (como sem dúvida toda a forma objectiva finalmente se torna subjectiva para o espírito) que significa muito mais do que à primeira vista, por muito significativa que seja — misturando o real e o ideal, e cada um fazendo parte do outro. Horas, dias, na Long Island da minha juventude e dos primeiros anos como adulto, percorri as margens de Rockaway ou de Coney Island, ou mais longe, para leste, nos Hamptons ou Montauk. Certo dia, neste último lugar (junto ao velho farol, com apenas o movimento do mar diante mim até onde a vista podia alcançar), lembro-me muito bem, senti que um dia deveria escrever um livro expressando esse tema líquido, místico.»

[*Idem*, 796.]

À semelhança de muitos outros agregados familiares que se fixaram na costa leste ainda antes da